

---

# Globalização e educação: diálogos com professores

---

**Lucinea Aparecida de Rezende**

Doutora em Educação;  
Professora do Departamento de Educação da  
Universidade Estadual de Londrina  
Londrina – PR [Brasil]  
[lucinea@uel.br](mailto:lucinea@uel.br)

**Martha Ap. Santana Marcondes**

Doutora em Educação;  
Professora do Departamento de Educação da  
Universidade Estadual de Londrina;  
Londrina – PR [Brasil]  
[marthamarcondes@uel.br](mailto:marthamarcondes@uel.br)

Esta pesquisa é parte do projeto “Globalização e Educação: Reforma Educacional, Justiça Social e Políticas de Inclusão” e foi elaborada com o objetivo de avaliar o impacto da globalização na educação, tendo como um dos caminhos de investigação o Círculo Epistemológico, metodologia inspirada nos Círculos de Cultura de Paulo Freire. Optou-se por desenvolver a pesquisa em uma escola da cidade de Londrina que atua no segundo ciclo do Ensino Fundamental e no Médio. O eixo temático proposto para o primeiro Círculo Epistemológico foi “Implicações da globalização nas práticas educativas”, assumindo como hipótese o fato de a globalização ter trazido novas questões para a Educação. A análise inicial dos dados revela que os professores se sentem, quase sempre, impotentes diante dos desafios e anseiam por informações que os auxiliem a compreender esse universo, para nele intervir, desencadeando um processo educativo compatível com as necessidades de humanização que se fazem presentes.

**Palavras-chave:** Gestão Escolar. Globalização e educação. Processos de inclusão e exclusão. Relação pedagógica. Tecnologias.

# 1 Introdução

Como uma vertente do projeto maior “Globalização e educação”, coordenado pelo Instituto Paulo Freire, o Círculo Epistemológico (CE) – metodologia inspirada nos Círculos de Cultura formulados por Paulo Freire como procedimento nas intervenções pedagógicas<sup>1</sup> – foi um dos caminhos escolhidos para investigar o impacto da globalização na educação.

Em Londrina, esse segmento da investigação foi assumido pela doutora Lucinea Aparecida de Rezende, do Departamento de Educação/UEL, e pelo doutor Bianco Zalmora Garcia<sup>2</sup>, do Departamento de Filosofia/UEL, e contou com a participação da mestrandia Melina Tatiana dos Santos e da professora municipal Mariangela Marques Busto, pesquisadoras colaboradoras do Projeto “Leitura-paixão: o impacto de uma situação diferenciada – fase II” /UEL<sup>3</sup>.

No primeiro encontro do grupo de pesquisadores, ocorrido em 12 de maio de 2006, optamos por pesquisar junto à Escola Paulo Freire de Londrina – PR, localizada na Rua Veneza, 115. A escola presta atendimento ao Ensino Fundamental, atuando de 5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> série e no Ensino Médio. A temática proposta para o primeiro Círculo Epistemológico foi “Implicações da globalização nas práticas educativas”.

No dia 15 de maio de 2006, os pesquisadores se encontraram com a diretora e as coordenadoras da escola, para proporem a investigação conjunta. Aceita a proposta, nós, pesquisadores, fomos convidados a estar com os professores em uma próxima reunião, no dia 20 de maio de 2006.

Apresentamos, a seguir, o quadro elaborado para a visualização das ações que seriam desenvolvidas.

Em reunião realizada na escola em 20 de maio de 2006, os assuntos tratados foram: Paulo Freire – biografia, trajetória, visão de mundo, de homem, educação, escola, ensino e aprendizagem; tendências pedagógicas e círculo de cultura como ferramenta de alfabetização e de pesquisa.

Tomamos o Projeto Político Pedagógico (PPP) como pano de fundo para nossas conversas, visto ser do interesse do grupo da escola discuti-lo, conforme manifestado no encontro de 15 de maio de 2006.

A princípio, definimos o trabalho a partir de três eixos temáticos:

1. Implicações da globalização nas práticas educativas (visão de currículo como conjunto das mediações educativas; presença de elementos ideológicos; eficiência e ef-

Organização do encontro realizado no dia 20/05/06 (sábado, pela manhã)

Organização do encontro realizado no dia 20/05/06 (sábado, pela manhã)					
Apresentação geral*	Justificativa do encontro	Identificação do tempo de trabalho	Identificação dos professores da escola em relação à procedência escolar/sindical	Identificação da história na/da escola (memórias)	Representações acerca do PPP (Interesse do grupo da escola em discutir acerca dessa temática)
*Dinâmica de apresentação: escolhemos uma dinâmica de apresentação com vistas a nos conhecermos um pouco e, assim, nos familiarizarmos uns com os outros, abrindo espaço para o diálogo pretendido.					

Quadro 1: Esquema organizacional do I Encontro com os professores da Escola Paulo Freire

Fonte: As autoras.

- cácia; redução das práticas educativas às ações estratégicas);
2. O impacto da globalização nas avaliações da aprendizagem (tipos de avaliação: discriminatória, classificatória, homogeneizadora e sistêmica);
  3. Influências da globalização na gestão escolar (como ela se reflete na gestão escolar – no PPP, que configura “a cara” da escola e que se orienta por um objetivo educacional).

Enquanto fazíamos a opção pelos eixos temáticos, o grupo maior (Instituto Paulo Freire/SP) definiu as categorias norteadoras desta pesquisa, conforme segue:

#### I – Educação

- 1 Avaliação que os docentes promovem;
- 2 Avaliação que os docentes sofrem;
- 3 Currículo;
- 4 Gestão da Escola;
- 5 Relação Pedagógica;
- 6 Processos de inclusão e exclusão;
- 7 Processos das Tecnologias.

#### II – Segurança/Violência

#### III – Drogas

#### IV – Trabalho e Formação Profissional

#### V – Sexualidade

## 2 Dialogando com os dados da pesquisa<sup>4</sup>

Como afirma Umberto Eco, é melhor irmos publicando, conforme o desenvolvimento de nossas pesquisas, textos que permitam o diálogo parcial (ECO, 1984). Pensando assim, optamos por apresentar os dados de pesquisa na medida em que iam ocorrendo interações com a Escola Paulo Freire (Londrina) e com o referencial teórico que ilumina a pesquisa.

O trabalho foi desenvolvido com professores em seu contexto escolar. Por tratar-se, nesse caso, de um convite à participação, contamos com as pessoas que se propuseram a participar conosco dos encontros. Dessa forma, não encontramos uma maneira de contemplar tanto o professor sindicalista quanto o de escola privada no grupo organizado, além dos professores estaduais, conforme indicado pelos proponentes da pesquisa.

15/05/06 Reunião geral com a diretora da escola e coordenadoras	1 a. Implicações da globalização nas práticas educativas	1 b. Implicações da globalização nas práticas educativas	2 a. O impacto da globalização nas avaliações da aprendizagem	2 b. O impacto da globalização nas avaliações da aprendizagem	3 a. Influências da globalização na gestão escolar	3 b. Influências da globalização na gestão escolar
Obs./data	Obs./data	Obs./data	Obs./data	Obs./data	Obs./data	Obs./data
15/05/2006	20/05/2006	23/05/06	23/06/2006	01/06/2006	01/06/2006	20/06/2006
9h.às 11h30	11h30 às 12h30	19h às 20 h	18h às 19h	19h às 20h	18h às 19h	19h às 20h

### Quadro 2: Encontros realizados

Obs.: Os encontros tiveram a duração de uma hora e cada tema foi focalizado em dois momentos. Temos, portanto, um total de três temas, tratados em seis encontros consecutivos.

Fonte: As autoras.

I Reunião geral	Presenças	Tema	I Encontro como Círculo de Cultura ou Epistemológico	Tema	Presenças
Obs./data 20/05/2006 (9h às 11h30)	Todos os professores da Escola Paulo Freire (Reunião geral dos componentes da escola)	Apresentação do Projeto de pesquisa	Obs./data 20/05/2006 (11h30 às 12h30)	Implicações da globalização nas práticas educativas	Todos os professores da Escola Paulo Freire

**Quadro 3: Reunião geral e I Círculo Epistemológico**

Fonte: As autoras.

		Atribuição de responsabilidades	Obs.:
9 às 9h30 min.	Apresentação geral (Dinâmica)	Lucinea	
9h30 às 9h45	Biografia Paulo Freire	Bianco e Lucinea	
10 às 10h15 min.	Intervalo		
10h15min. Às 11h	Tendências pedagógicas	Bianco e Lucinea	
11h às 12h	Círculo de cultura	Bianco Lucinea e Melina	

**Quadro 4: Cronograma**

Fonte: As autoras.

II Encontro como Círculo de Cultura ou Epistemológico	Presenças	Tema	III Encontro como Círculo de Cultura ou Epistemológico	Tema	Presenças
Obs. data 20/05/2006 (18h às 19h)	Professores • Rosângela • Sebastiana • Alessandra • Elisabete • Paulo • Janete	Implicações da globalização nas práticas educativas	OBS. data 20/05/2006 (19h às 20h)	O impacto da globalização nas avaliações da aprendizagem	Professores • Rosângela • Sebastiana • Alessandra • Elisabete • Paulo • Janete • Mariângela

**Quadro 5: Círculo Epistemológico**

Fonte: As autoras

Após a primeira hora (8h às 9h), quando os professores trabalharam sem a nossa presença (grupo de pesquisa encarregado do Círculo Epistemológico), para tratarmos de questões

gerais da Escola, nos juntamos a eles para expor nossa proposta de pesquisa. Percebemos que os professores também esperavam receber informações acerca dos seus fazeres pedagógi-

cos. Essa foi uma constatação de algo que já se anunciava desde a reunião que tivemos com diretora e coordenação da escola. Naquela ocasião (15 de maio de 2006), foi relatado que a escola, antes seguidora de regras gerais das escolas estaduais, agora desejava centrar-se na filosofia Paulo Freire, tendo em vista a mudança recente do nome da escola para “Escola Paulo Freire”.

De acordo com os relatos feitos, optamos por, inicialmente, apresentar aos professores um quadro das tendências pedagógicas. O objetivo era dialogar a respeito das diferentes “escolas pedagógicas”, contextualizado-as histórica e filosoficamente, para podermos perceber a importância do legado de Paulo Freire na educação e a concepção de uma educação libertadora/transformadora. Como a conversa foi demorada em razão das perguntas que surgiram (qual a nossa proposta; qual a razão da pesquisa; o que esperávamos do grupo; o que eles teriam em contrapartida, etc), esse trabalho foi apenas iniciado. Deveremos completá-lo, em outro mo-

mento, após o término da coleta de dados nos Círculos Epistemológicos.

Do nosso primeiro encontro, ficou a constatação de que deveríamos trabalhar nos CE com a perspectiva do diálogo. Os professores falariam a respeito das questões que deveríamos focalizar, mas nós também precisaríamos nos posicionar, apresentando alguns indicadores acerca de como lidar com os problemas apresentados. Entendendo dessa forma a fala dos professores, optamos por seguir esses indicadores.

Após a reunião geral, efetivamos nossos encontros no Círculo Epistemológico.

### 3 Destaques nas falas dos professores

#### 3.1 Avaliação que os docentes promovem

A avaliação vem adquirindo centralidade no funcionamento dos sistemas educativos,

IV Reunião como Círculo de Cultura ou Epistemológico OBS. data 01/06/06 (18h às 19h)	Tema O impacto da globalização nas avaliações da aprendizagem	Presenças/Profs. ♦ Rosângela ♦ Elisabete ♦ Lindinalva ♦ Josimeire ♦ Mariângela	V Encontro como Círculo de Cultura ou Epistemológico OBS. data 01/06/2006 (19h às 20h)	Tema Influências da globalização na gestão escolar	Presenças/Profs. ♦ Rosângela ♦ Elisabete ♦ Lindinalva ♦ Josimeire ♦ Mariângela
--	--	---	--	---	---

**Quadro 6: Círculo Epistemológico**

Fonte: As autoras.

Data/ horário 20/06/2006 (18h às 19h)	Tema Implicações da globalização nas práticas educativas	Presenças /Profs. ♦ Rosângela ♦ Sebastiana ♦ Alessandra ♦ Elisabete ♦ Paulo ♦ Janete
--	---	--

**Quadro 7: Círculo Epistemológico**

Fonte: As autoras.

pois é em torno dela que, com tendências variadas, se organizam as relações entre diferentes intervenientes no campo educativo. A exacerbação das práticas de avaliação não foi apenas responsável pela multiplicação dos espaços e dos tempos em que os professores exercem o seu “poder legítimo de julgar”, mas conduziu, também, a profundas transformações sociais no campo educativo, envolvendo tanto os sistemas de qualificação dos seres que dele fazem parte, quanto os referenciais em que se definem essas qualificações. Além da “emissão de juízo de valor acerca das competências cognitivas dos alunos” (CORREIA; MATOS, 2001, p. 117-127), constitui um dispositivo de legitimação compensatória da intervenção política do Estado Avaliador ou do Estado Supervisor.

Os impactos da globalização na educação, principalmente, no tocante à avaliação da aprendizagem, manifestam-se nas falas dos professores, de maneira acentuada, ao sentirem o descompasso entre o que professor faz em sala de aula e o mundo globalizado. Ao perceberem suas impotências diante das diferentes fontes de informações, tentam “elaborar provas fáceis, mas nem assim os alunos acertam as questões formuladas” (professora da Escola PF). Isso demonstra o distanciamento entre a escola e a sociedade. Ainda, “a carência econômico-financeira e sócio-cultural dos alunos e suas manifestações negativas na avaliação” (professora da Escola PF) são detectadas pelos professores, que se vêem sem alternativas quanto ao seu fazer pedagógico. No entanto, o que mais se percebe no discurso dos professores é o mal-estar diante da complexidade do cotidiano escolar e sua incapacidade de lidar com os dilemas recorrentes no dia-a-dia da escola. Apresentamos, na seqüência, alguns enxertos das falas dos professores a esse respeito:

- compreensão do professor acerca da relação entre as práticas em sala de aula e as avaliações;
- necessidade do professor de saber elaborar instrumentos avaliativos;
- atenção ao significado de avaliar-se com rigor;
- percepção de que não basta fazer provas; é necessário falar com os alunos acerca do que erraram e acertaram;
- desespero do professor diante da necessidade de emitir notas;
- implicações da recuperação paralela (fala do professor: – vai recuperar o quê?  
Acaba-se voltando às práticas antigas de ensino-aprendizagem, sem chances para o aluno);
- necessidade de auto-avaliação (há que se trabalhar essa idéia com o aluno);
- condicionamento dos alunos em relação às avaliações tradicionais (eles as desejam);
- falta de ética (aluno que pergunta à professora quanto ela quer para dar nota para ele; que oferece refrigerante em troca de nota; que diz que a professora dá melhores notas às meninas que aos meninos);
- exigência de testes pontuais faz com que os professores avaliem quando o conteúdo ensinado ainda não está “maduro”.

Como percebemos, requer-se do professor o exercício diário da reflexão. A angústia dos professores, manifestada por Correia e Matos (2001) em *Solidões e solidariedades nos quotidianos dos professores*, reflete semelhantes dissabores, como o apontado pela Professora Lindinalva. (professora da Escola PF):

[...] quando se falou em avaliação, a primeira coisa que eu lembrei, não foi

nem exatamente da avaliação, mas, de algo que vem depois da avaliação, o que nós chamamos, dentro do nosso sistema, de recuperação paralela, que me deixa muito angustiada porque eu fico pensando: recuperação paralela, mas, eu fico pensando: “eu vou recuperar o quê?”. E eu acrescento, se meu aluno não aprendeu, como recuperar algo que ainda não aconteceu? Ainda: foi aquele impacto [ao entrar no Ensino Médio], é o segundo ano que eu trabalho com ensino médio, sempre trabalhei com 5ª, 6ª séries, que você entrega a avaliação para eles e fala: gente, vamos lá! O que vocês colocaram, o que vocês entenderam, qual é a dúvida?, eu vi que a maioria errou essa questão. Eu sempre faço essa retomada..... (?) Agora, no Ensino Médio, eu me surpreendi muito à noite pela questão de que a avaliação está ligada à idoneidade, mesmo de chegar aluno e chantagear a gente. Então, ele chega assim: – professora, como é? Quanto você quer para dar essa nota para mim?

Segundo depoimento de um professor da Escola PF,

[...] os alunos do noturno são pós-adolescentes e adultos, muitos já pais de família; então, eles têm uma noção de avaliação... política..., porém, ultimamente não tem sido nada exemplar, “todos os dias você tem até vergonha de ligar a TV e tem a questão também: eu não faço nada e o que eu faço está bom demais. Quer ver você brigar com

um aluno se você disser: você pode fazer melhor, isso aqui eu tenho certeza que não está bem feito, isso aqui tem que acrescentar: Ah! Aliciam você e, à noite, tem problemas gravíssimos com as meninas. As meninas são de te enfrentar mesmo, de te provocar até o último. Uma menina veio e disse: professora, duvido, duvido que você já não deu nota para algum aluno. Colocam em questão até a sua idoneidade, sua ética. O aluno quer brigar com ele é você falar: a sua questão está errada, esta questão está incompleta, mas, eu respondi, interpretação de texto dá polêmica.

Eu falo firme com eles, vou fundo e falo que, se tem uma coisa que eu aprendi no magistério nestes últimos anos, é não me alterar, mesmo porque já passei até por problema de saúde. Discutir, a gente discute, até onde você tiver argumentos porque, enquanto professora, eu vou te avaliar o teu conhecimento. O que é uma avaliação? Para que serve uma prova? Por que você tem que provar até onde você aprendeu? O que você aprendeu nessas minhas aulas? Se não, não precisaria vocês virem aqui. Eu também não precisaria vir aqui. Mas, há geração de polêmica e hoje eles estão fazendo o mínimo, e não admitem que você chame a atenção (Professora PF).

A avaliação é uma constante nos diálogos dos professores, como observamos:

[...] o erro do instrumento é prepararmos para avaliar o perfeito, não existe

perfeição; então, você cria um instrumento idealizado para um aluno idealizado, o aluno vai tirar 10, depois você vai classificando os outros abaixo do 10. Não crie instrumento para o perfeito, para um aluno ideal, para o aluno real o que é suficiente? Ao criar um instrumento você tem que saber o que você quer avaliar exatamente, não é avaliar o quanto de conhecimento ele adquiriu, mas avaliar o todo. (Bianco).

Entendemos que há uma confusão permeando os conceitos e metodologias de avaliação. Os professores mencionam o desejo de saber mais acerca da avaliação e de como processá-la.

### 3.2 Avaliação que os docentes sofrem

A avaliação realizada pelos alunos, ainda que indiretamente, envolve, quase sempre, a emissão de um juízo de valor a respeito dos professores, o que, em parte, explica a tendência a se desenvolver comportamentos ambivalentes de solidariedade para com os alunos. A avaliação do desempenho dos professores implica, obrigatoriamente, a emissão explícita de um juízo público de valor que, embora quase sempre circule junto aos profissionais do mesmo ofício, não deixa de constituir uma fonte suplementar de sofrimento e angústia. Considerados ambivalentes, esses sentimentos não são expressos publicamente pelo docente, visto que não parece ser admissível à alguém que, por obrigação do ofício, é chamado a emitir regularmente juízo de valor a respeito de terceiros temer ser objeto de avaliação.

No entanto, quase sempre, essas avaliações vulnerabilizam os professores, tendem a hiperresponsabilizá-los pelos fracassos do sistema e

estão na origem da produção de um conjunto de disposições geradoras de comportamentos que, eticamente, seria inadmissível se fosse desenvolvido pelos alunos em situação de avaliação. Ao invés de partilhar os dramas privados da profissão, a avaliação docente, muitas vezes, serve para contribuir com a “desqualificação da descrição subjetiva do trabalho docente” em detrimento da real condição desse trabalho. É, normalmente, considerada uma “invasão do espaço privado que importa preservar” (CORREIA; MATOS, 2001, p. 118). Algumas sínteses das falas dos professores traduzem suas inquietações:

- o questionamento acerca do que é autonomia;
- o entender a avaliação como insuficiente mediante aulas chatas;
- os alunos testam o professor (verificar se ele sabe);
- os professores novos se sentem mais inseguros no que diz respeito à avaliação;
- o aluno tenta “comprar” nota da professora (teve um aluno que falou assim: “professora, eu te dou uma coca se, no conselho, você me der o seu voto para eu passar de ano”);
- o entendimento acerca da avaliação como um processo histórico (alguns alunos chamam a professora de bruxa...);
- as expressões que revelam os questionamentos do professor (“mesmo instigando, jogando, há horas que a gente sai da sala e diz: o que eu fiz lá, hoje? Não consegui fazer nada, parece que a minha aula ficou só enrolada, não saía nada daquilo e, muitas vezes, você vai lá, debate, conversa com o aluno e ele mesmo fala: a aula, hoje, foi legal; a gente não fez nada. Essa questão do amadurecimento vem da própria criança,



vem da própria escola, do colega”). Ainda esse relato:

[...] todas as vezes que eu tenho que elaborar uma avaliação eu fico desesperada porque eu não sei se estou entendendo, se estou fazendo certo, e o pior ainda... é a correção dessa avaliação, porque com a correção dessa avaliação, bem, porque eu acho que eu mais me avalio do que avalio o aluno porque muitas questões a gente percebe que o erro e o acerto do aluno vão depender de como você coloca a questão (grifo nosso). Como preparar a prova porque a gente não sabe para o que eles estão preparados para estar respondendo, têm conteúdo para responder porque eles não prestam atenção na aula, não falo assim no todo, mas, no geral, não prestam atenção mesmo. Prova que nós, na nossa época, tínhamos, que era uma coisa ali, cobrada ... Então, a gente acaba fazendo uma ‘prova fácil’, uma coisa básica sobre nosso assunto e, mesmo assim, eles ainda não sabem.

### 3.3 Currículo

A preocupação com o currículo escolar tem influenciado e se expressa nas diferentes reformas curriculares nos diferentes graus de ensino e em diferentes países. Os esforços para definir e controlar o que deve ser ensinado e aprendido nas escolas têm sido acompanhado de medidas que buscam estabelecer mecanismos de avaliação nas/das instituições escolares e de novas regras para a formação inicial e continuada dos professores. Assim, currículo, avaliação e formação docente têm representado os principais

focos dos processos contemporâneos de reformulação das políticas e dos sistemas educativos não só do Brasil, mas, de modo geral, do mundo em contexto de globalização.

Os trabalhos realizados com professores para análise do impacto da globalização sobre os currículos vieram contribuir para a percepção dos conflitos vividos pelos professores. Citamos alguns depoimentos visando a melhor compreensão da necessidade de se repensar o currículo como elo entre sociedade e escola:

- o sentido de curiosidade manifesta-se nos alunos, precisamos refletir a respeito das implicações disso; o vislumbrar/intuir do professor no que diz respeito à necessidade de novas perspectivas e metodologias de ensino, há a necessidade de se ir além do senso comum;
- a sensação de impotência do professor; ele tem necessidade de conhecer melhor as questões educacionais referentes ao processo ensino-aprendizagem para posicionar-se com mais segurança (pergunta se está auxiliando na formação de alunos críticos);
- questionamentos acerca do significado de disciplina (no sentido de ordem, organização, comportamento social adequado para o grupo) e suas implicações nas aprendizagens; a dificuldade em ensinar diferentes alunos em um contexto de tantas informações; o desafio da rotina em sala de aula e como os alunos reagem quando a aula é dada fora da sala (pátio, refeitório). Os alunos avaliam positivamente essa situação e se mostram motivados para ela;
- o vivenciar de um processo histórico e a busca dos professores por uma nova metodologia de trabalho em sala de aula, uma

nova forma de trabalhar com os alunos fora da sala de aula. (Então, quem sabe a gente possa mudar **por meio** dessa concepção.); o professor tece indagações a respeito do seu fazer (“Por que ao invés de fazer aquela avaliação que estamos acostumados, não fazemos uma auto-avaliação com eles? Os itens que eu tinha em mente, da minha aula, o que eu esperava deles, se faziam perguntas, se fizeram pesquisa, as leituras que eu pedi, se participavam da aula, num processo mais dinâmico de conversa, de diálogo, de ajudar a tornar a aula interessante, também. Eu acho importante isso, o aluno cobra muito: – a sua aula é chata, é isso, isso e aquilo, mas, aí eu devolvi a pergunta para ele: o que você faz para a minha aula não ser chata? Eu estou tentando fazer alguma coisa...”).

Conforme indaga Moreira (MOREIRA; MACEDO, 2002): como articular os currículos com diferentes localismos culturais? Como negociar a relação entre nacionalismo e cosmopolitismo? Como desconstruir o olhar dominante, por meio do qual temos apreendido o mundo, e contrapô-lo ao ponto de vista subalterno? Como facilitar o confronto dessas diferentes perspectivas?

O currículo deve voltar-se para a formação de identidades, contestadoras e comprometidas com a ampliação da democracia. Esta, a nosso ver, deve ser a tônica no ensino e na aprendizagem.

### 3.4 Gestão da escola

Podemos afirmar que a Educação vem sendo responsabilizada por não solucionar problemas, tidos como desafios, no momento. No contexto educacional, vive-se uma fase de

medos, incertezas, especulações, profecias, e, sobretudo, desafios. É imprescindível tentar compreender esse fenômeno, para viabilizar a construção de alternativas capazes de enfrentar os problemas educacionais oriundos do processo da globalização, especialmente em sua vertente neoliberal, que concebe a Educação sob uma perspectiva mercadológica. A visão da Educação como serviço sugere uma organização da escola nos moldes empresariais, devendo dar resposta a uma clientela que, pelas suas opções, estará em condições de influenciar a oferta educativa. A própria noção de “serviço público” é alvo de um autêntico desvio: a escola é concebida como uma agência de serviços, encarregada de satisfazer, eficazmente, consumidores, que fazem valer seus interesses particulares. (MARCONDES, 2004).

- Manifestação da necessidade do Projeto Político Pedagógico (PPP);
- Procura por eventos de suporte ao professor (palestras, oficinas, cursos);
- Constatação de que estamos em tempo de mudanças profundas e que precisamos saber lidar com elas;
- Constatação do excesso de alunos em sala de aula (cada classe). Há turma com 51 alunos. As dificuldades são enormes, há o sistema seriado...;
- Necessidade de o professor trabalhar em sintonia com seus pares;
- Necessidade de o professor contar na escola com uma visão do todo (como a escola está organizada e quais seus objetivos);
- Presença das questões afetivas e o não-saber (além do não ter tempo, visto que trabalha em muitas escolas e com muitas turmas diferenciadas) do professor em lidar com elas;

- Ausência de um projeto específico para alunos diferenciados (exemplo: alunos repetentes da 5ª série que são agrupados em uma mesma sala);
- Falta ao professor meios para educar, em razão de suas condições pessoais de trabalho e dos alunos;
- Não oferta de boas condições de trabalho por parte do Estado (pouca participação política e econômica);
- Necessidade de o professor ir de uma escola para outra em seu cotidiano de trabalho
- Ansiedade muito grande em ver a biblioteca escolar estruturada, principalmente na rede pública;
- Importância da atenção para com os parceiros (“seria a família, no caso, e quando a família não pode, deveria ter uma sala, talvez, agora que vieram os computadores para a escola, precisa-se de sala para os professores se dedicarem, falar com parceiros, acompanhar o que está acontecendo na sala de aula.”);
- Necessidade de uma variedade de livros (“e aí você discute. Aí você chega lá, cada um leva, sobre um mesmo assunto, cada um leva de uma fonte, eles vão discutir, vão debater, mas como nós vamos fazer isso na sala?”).

### 3.5 Relação pedagógica

A relação pedagógica, enquanto base de todo o processo pedagógico experienciado em sala de aula é de fundamental importância no êxito do ensino e da aprendizagem. As transformações significativas ocorridas na sociedade e, conseqüentemente, na escola definiram novos papéis ao professor. Essas alterações traduziram-se também em importantes modificações

nas concepções e nas práticas da relação pedagógica. Nesse sentido, a par das competências no domínio dos conteúdos e da didática, o docente tem de ser também detentor de competências no domínio relacional e disciplinar. Os professores se manifestaram, nesse sentido, ao focar:

- a compreensão de que alunos e professores aprendem juntos;
- o verificar da falta de ética (aluno pergunta à professora quanto ela quer para dar nota para ele; aluno que oferece coca-cola em troca de nota<sup>5</sup>; aluno que diz que a professora dá as melhores notas às meninas que aos meninos);
- há alunos que agridem verbalmente o professor quando ele se aproxima, evidenciando a não-aceitação dos seus métodos de ensino: “lá vem ela; olha o tipo de professor que mandaram...” (o professor sai chorando da sala de aula);
- a preocupação do professor com o aluno e a condição de “ser sujeito” de sua história; há que se colocar um pouco mais nas artes visuais (“e eu busco conhecer um pouco mais os alunos, ajudando-os a viver bem. Procuo fazer um trabalho diferenciado com eles”);
- a necessidade da interdisciplinaridade (“sou professora de Educação Artística, estou há 10 anos, mais ou menos, no magistério. Trabalho com as 5ªs até as 8ªs séries. Também sou psicopedagoga e busco fazer uma ligação com a minha disciplina, que é diferente, para ver se eles conseguem aprender”); Percepção da pouca interação entre pais e filhos em relação à educação;
- a presença das questões afetivas e o não-saber (além do não ter tempo, visto que

o professor trabalha em muitas escolas e com muitas turmas diferenciadas, encontrando dificuldade de conciliar os diversos compromissos profissionais); é difícil motivar para aula;

- a inquietação frente à rotina em sala de aula e como os alunos reagem quando a aula é fora da sala (pátio, refeitório). Os alunos avaliam positivamente essa situação e se mostram motivados para ela; preocupação em como lidar com a motivação do aluno;
- o aluno não tem muita maturidade para receber só orientação; compreensão da necessidade de o aluno participar, se interessar pelas aulas;
- instigar o aluno à curiosidade e fazê-lo mergulhar no objeto de estudo (“e que isso seja feito, que o aluno saia da sala de aula curioso; não uma curiosidade ingênua, que vai se satisfazer nas contingências, na superfície do conhecimento, mas que é uma coisa de satisfazer uma curiosidade crítica. Esse é o papel da formação: que o aluno aprenda a ser curioso, ao invés de falar de conscientização, é importante que ele aprenda a ser curioso, para isso é necessário estimular sua curiosidade para buscar cada vez mais”).
- a necessidade de aulas dinâmicas (“teve um [aluno] que falou assim, para mim: professora, você não precisa ser palhaça, mas, precisa rir um pouquinho. Eu leciono no 2º colegial, eu vou pegar a minha malinha e vou embora, eu não vim aqui contar piada... e eu deixei uma pergunta aberta para eles: vocês se reúnam e cheguem a um consenso, o que é, precisa melhorar na aula, para ver como eu vou avaliar depois. Então, a aula precisa ser mais dinâmica.... (?) eles não souberam dizer o que é aula

dinâmica..., 1º e 2º colegiais; necessidade de se trabalhar a favor e não “contra” os alunos...” – Lucinea);

- a preocupação com o ter que provar que aprendeu (fazer prova):

Aí alguém falou: por que ao invés de fazer aquela avaliação que estamos acostumados, você não faz uma auto-avaliação com eles? Bom, eu vou fazer, peguei a fichinha lá, dos itens que eu tinha em mente, da minha aula, o que eu esperava deles, se eles participavam, se faziam perguntas, se fizeram pesquisa, as leituras que eu pedi, se participavam da aula, num processo mais dinâmico de conversa, de diálogo, de ajudar tornar a aula interessante, também, eu acho importante isso, o aluno cobra muito: a sua aula é chata, é isso, isso e aquilo, mas, aí eu devolvi a pergunta para ele: o que você faz para a minha aula não ser chata? Eu estou tentando fazer... (Professora da Escola PF).

Os alunos do noturno são já adolescentes e adultos, muitos já pais de família, então eles têm uma noção de avaliação.... política... situação de ultimamente, todo dia você tem até vergonha de ligar a TV e tem a questão também: eu não faço nada e o que eu faço está bom demais. Quer ver você brigar com um aluno se você disser: você pode fazer melhor, isso aqui eu tenho certeza que não está bem feito, isso aqui tem que acrescentar: Ah, professora! Aliciam você e, à noite, tem um problemas seríssimo com as

meninas, as meninas são de te enfrentar mesmo, de te provocar até o último. Uma menina veio e disse: professora, duvido, duvido que você já não deu nota para algum aluno. Colocam em questão até a sua idoneidade, sua ética. O aluno quer brigar com ele é você falar: a sua questão está errada, esta questão está incompleta, mas, eu respondi, interpretação de texto dá polêmica. (Professora PF).

### 3.6 Processos de inclusão e exclusão

O processo de inclusão e exclusão escolar acontece cotidianamente e as causas são as mais variadas. Pesquisas recentes apontam que cerca da metade das pessoas que param de estudar (51%) o fez, no máximo, no fim do Ensino Fundamental, dos quais, 12% sequer ultrapassaram a 4ª série. Para os adolescentes (de 15 a 17 anos), embora a condição de estudante esteja mais presente (87%), é grave constatar que cerca de um em cada oito desses jovens das regiões metropolitanas já está fora da escola. Indagados sobre os motivos do abandono dos estudos, as duas principais razões citadas são econômicas: “comecei/ precisei trabalhar/ fiquei sem tempo para estudar”, mencionada espontaneamente por 34% (47% dos rapazes e 23% das moças), e “falta de condições financeiras para pagar os estudos” (16%). O terceiro motivo é “gravidez/casamento”, citado por 13% (23% das jovens que pararam de estudar, 1% dos jovens); 10% alegam desinteresse pela escola, 8% declaram-se satisfeitos com o grau concluído e 5% desistiram depois de barrados no vestibular (as demais razões são dispersas). O modo como os jovens usam o tempo livre, vem reforçar idéias correntes acerca da “miséria cultural” da juventude, que até já ganhou o título de “geração shopping

center”, como uma geração guiada, antes de tudo, pelo consumismo e pelo modismo, escravizada pela TV, com uma relação extremamente passiva com as diversas formas de cultura das quais, por acaso, se aproxima (VENTURI; ABRAMO, 2000).

Há ainda a falta de preparo do professor para o atendimento às necessidades dos estudantes. Tanto os professores quanto os alunos ficam incomodados diante das dificuldades apresentadas (em nível biológico/físico e psicológico) e não solucionadas. Faz-se necessário uma política adequada de inclusão com o apoio de especialistas preparados. O professor sozinho não dá conta de tantos problemas enfrentados em sala de aula. Essa preocupação é manifestada na fala dos professores:

- é demonstrada preocupação com as múltiplas tarefas do aluno-trabalhador (que, muitas vezes, dorme em sala de aula);
- preocupação do professor com o aluno e a condição de “ser sujeito” de sua história;
- constatação de que há alunos “celulares” e os “não-celulares”, ou seja, aqueles que possuem e os que não possuem celular e como eles se comportam em sala de aula;
- carência econômico-financeira e sociocultural dos alunos e suas manifestações negativas na avaliação;
- necessidade de acesso tecnológico (alunos inativos porque não têm material escolar nem acesso às tecnologias);
- ausência de um projeto específico para alunos diferenciados (exemplo: alunos repetentes da 5ª série que são agrupados em uma mesma sala);
- atribuição de rótulos aos alunos – por eles mesmos e também pela escola, como no

caso dos alunos repetentes da mesma série já cursada;

- muita coisa não chegou às escolas, mas é questão de governo. Se tivesse sido implementado no passado, talvez, hoje, estaríamos bem mais avançados nesse sentido. Agora, se o aluno não tem acesso, não tem como o pai e a mãe fazer o acompanhamento como parceiro, então, tem que ser essas salas (informática) na escola.
- como incentivar uma formação que possa amadurecer esse adolescente, sem que possa castrá-lo, instigando e até valorizando as lideranças danadas da sala...
- o que fazer em relação ao que ensinar no século XXI?

### 3.7 Processos tecnológicos

O desenvolvimento vertiginoso da tecnologia gerou novas redes mundiais de comunicação, a revolução da informática, da robótica e da biotecnologia, financeira internacional, e o fortalecimento das multinacionais e, sobretudo, a exacerbação e o privilegiar da globalização do mercado capitalista.

As tecnologias da Educação implicam

[...] um processo complexo integrado, que implica sujeitos, métodos, idéias, meios e uma organização a fim de analisar problemas e imaginar, implementar, avaliar e gerir as soluções dos problemas, que se colocam na aprendizagem humana” (THOMPSON; SIMONSON; HARGRAVE, 1992, p. 2).

- Há de se conhecer as razões e consequências da globalização:

- O mundo da informação mudou; há muitos excluídos no mundo globalizado; falta de ferramentas que se colocam como ícones do nosso tempo; o desconhecimento (não saber lidar com as novas tecnologias) – questões técnicas (não saber usar), éticas (usar mal, indevidamente, sem respeito às idéias do outro) e epistemológicas (o não saber se situar frente ao conhecimento amplo, que está posto ao alcance de todos, teoricamente).
- Desinteresse pelo particular/escolar, diante de um mundo de possibilidades tecnológicas; a necessidade de parcerias no ensino; alterações na linguagem do cotidiano e da escola; precisamos ter a sala (de informática) na escola; faz-se necessário atentarmos para as tecnologias e as implicações na avaliação (alunos que copiam trabalhos por meio da internet);

“Eu falo firme com eles, vou fundo [...] discutir, a gente discute até onde você tiver argumentos porque, enquanto professora, eu vou avaliar o teu conhecimento. O que é uma avaliação? Para que serve uma prova? Por que você tem que provar até onde você aprendeu? O que você aprendeu nessas minhas aulas? Senão não precisaria vocês virem aqui. Eu também não precisaria vir aqui. Mas, há geração de polêmica e hoje eles estão fazendo o mínimo, e não admitem que você chame a atenção.”

- Os professores necessitam adquirir essa facilidade de mexer nos aparelhos, de tocar músicas, de mexer nos disquinhos, MP3. De repente, MP3, (Eu pedi uma pesquisa

sobre a carnaúba e babaçu, mas, só assim: Estados, ocorrência, importância econômica de cada um. Aí fizeram o trabalho, alguns, enorme, está lá, já está escrito, embaixo, Enciclopédia Virtual. Aí, fui fazer algumas perguntas na sala, ninguém sabe nada. O principal produto da carnaúba é..., nada...).

- É preciso situar-se quanto ao impacto da globalização... Os professores também não têm muita condição de acesso (tecnológico, livros) não é só o aluno...

“Verifica-se o uso de uma linguagem que nem é do mundo dos alunos também, porque muitos dos alunos não têm acesso a computador, não têm em casa, não têm no vizinho; os que estão indo para as *lan houses* são alunos já de 6ª, 7ª séries, 5ª série também e eles estão nessa questão achando-se informatizados, globalizados, maravilhados e achando que o livro já não interessa mais porque o livro está ultrapassado. Discutem com o professor: – por que eu tenho que ficar lendo esse livro aqui, se tem tudo na internet? Aí, eu falei assim: vamos conversar. Qual a internet, qual o provedor que você usa, qual a internet que você tem, o que você sabe sobre a internet?”

#### 4 Segurança/violência, Drogas e Sexualidade

A indisciplina e a violência na escola são, atualmente, temas discutidos tendo como base diversas abordagens teórico-conceituais. Podemos citar diversos aspectos considerados relevantes, tais como a falta de motivação para os estudos, as conseqüências do consumo de drogas; as mudanças das estruturas familia-

res, as diferentes condições de acesso aos bens de consumo e, entre muitos outros fatores, o desemprego. Esses são alguns exemplos das variáveis que remetem a uma série de problemas relacionados ao tema da indisciplina num contexto escolar. A escola passa a trabalhar em direções diversas sem ter, na maioria das vezes, sido preparada para desempenhar tal função, acrescenta-se, ainda, o fato de, por inúmeras vezes, o professor não possuir preparo ou formação suficientes para amenizar a violência escolar. No Brasil, em particular, esses problemas adquirem maior gravidade, pois o contexto social possibilita vivenciá-los com maior intensidade, inclusive pelo fato de a criminalidade juvenil ter aumentado.

Apesar de a violência também ter origem externa ao ambiente escolar, o refletir a respeito da indisciplina escolar leva a pensar que ela pode ser produzida pela inadequação da ação pedagógica e metodológica nas escolas. No cotidiano, muitas vezes, nos deparamos com educadores de infância e professores da rede escolar de ensino, coagem ou punem em situações nas quais, muitas vezes, caberia conhecimento técnico e operacional. A discriminação pode também ser considerada uma forma de agressão. Assim, muitos outros exemplos podem ser mostrados. A marginalização na sala de aula também pode provocar reações de passividade/submissão, agressividade ou indisciplina. Enfim, reconhecendo que não são somente esses os motivos responsáveis diretos pela formação de hábitos e atitudes dos alunos, há a consciência de que poderão estar presentes na indisciplina e na violência (por vezes simbólica) escolar (MARCONDES, 2001):

- A escola é um lugar perigoso (Eu saía chorando da escola porque eu me sentia um

‘trapo’ e eu ia para lá, eu tinha expectativa de ensinar alguma coisa para eles, é um lugar perigoso, e eu saía de lá assim que ouvia tanto desaforo, tanta ofensa, tanto querer me ofender que tinha vontade de desistir e eu acho que se não tivesse sido chamada no concurso em novembro eu não estaria mais nesse vida de estar vindo aqui à noite, não agüentaria mais isso, é um sufoco, também (Profª PF);

- O adolescente, ele não tem limite.... (Profª Esc. PF) (Os alunos do noturno são já adolescentes e adultos, muitos pais de família, então eles têm uma noção de avaliação.... política... situação atual, todo dia você tem até vergonha de ligar a TV e tem a questão também: eu não faço nada e o que eu faço está bom demais. Quer ver você brigar com um aluno se você disser: – você pode fazer melhor, isso aqui eu tenho certeza que não está bem feito, isso aqui tem que acrescentar...);
- O querer imediato... (Eu vejo que esses alunos estão condicionados ao ter o comportamento de dizer assim: eu quero essa receptividade (?) para mim, eu quero o visto, eu faço o que eu faço tem que ter valor, eu quero visto, eu quero “mais”, eles nem sabem como é que a gente conta os “mais” no final para dar nota para ele. Quando a gente passa nas carteiras dando um “maizinho” no livro, eles se acham: eu fiz, não é professora? Quantos “mais” eu tenho aí? Professora, você já viu quantos “mais” eu tenho na sua matéria? No 3º ano, eles perguntam isso para a gente. Eles querem visto, eles querem “mais”, eles nem sabem o valor real de nota no final, mas, eles querem);

- Ah! Aliciam você e, à noite, tem problemas gravíssimos com as meninas. As meninas são de te enfrentar mesmo, de te provocar até o último. Uma menina veio e disse: professora, duvido, duvido que você já não deu nota para algum aluno. Colocam em questão até a sua idoneidade, sua ética. Quer brigar com aluno é você falar: a sua questão está errada, esta incompleta, mas, eu respondi, interpretação de texto dá polêmica. (Profª. PF);
- Há alunos que agridem verbalmente o professor quando ele se aproxima, evidenciando a não-aceitação dos seus métodos de ensino: “lá vem ela; olha o tipo de professor que mandaram...” (o professor sai chorando da sala de aula).

No tocante às drogas, os professores disseram que elas influem na vida da escola. (Nesta escola é mais tranquilo, mas mesmo assim tem casos. – Profª. Escola PF).

Sabemos que a droga torna os alunos mais agressivos, perdem o interesse pelas aulas e não se concentram nas atividades.

Outro problema é impetuosidade da adolescência, os professores também apontam, unanimemente, que “os adolescentes estão com comportamentos alterados por causa dos hormônios”. Ainda, vive-se o impacto da gravidez na adolescência. O desconhecimento e/ou abuso pelo excesso de confiança no parceiro gera problemas como gravidez, doenças e o abandono escolar.

Quanto às aulas de sexualidade, os professores são de opinião que:

“Precisamos trabalhar este tema com a certeza de que é um assunto delicado, que muitas vezes não é dada a de-



vida atenção, dizendo que as primeiras manifestações de sexualidade vêm já das crianças da creche (- 6/7anos), portanto, seria desde a creche que as crianças deveriam receber informações sobre assuntos relacionados à Educação Sexual”.

“o importante é que seja o próprio professor de sala de aula a lecionar a matéria sobre Educação Sexual, já que a classe está mais solta e mais aberta às questões. Esse tema está muito bem elaborado pelo PCNS e pelos Currículos, basta os professores adequá-los à sua realidade e trabalhá-lo de maneira espontânea, sem tabus e discriminação.”

## 5 Trabalho e formação profissional

Destacamos, nas falas dos professores:

- O professor é um passador de conhecimento, então a tarefa do professor é muito árdua nesse sentido.
- O professor enfrenta problema não somente em relação a questões salariais, mas também quanto às condições de trabalho, no entanto, entra e sai governo, continua tudo na mesma, ficando pior a cada ano que passa.
- A preocupação com o ensino, cada vez mais decaído. A escola está deixando de desempenhar o papel de transmitir conhecimento para cuidar de outras coisas que não são de sua responsabilidade.
- A atenção quanto ao formar cidadãos críticos.
- Preocupação com a questão de interdisciplinaridade (porque acho que de 5ª a 8ª até o ensino médio as matérias não se complementam. Por isso que os alunos têm muita dificuldade em compreender o que impossibilita que eles gostem do que estudam justamente por falta da interdisciplinaridade. A minha preocupação maior é que a educação física não tem legitimidade, então acaba... É preciso apoiar-se em alguma coisa que seja, interessante não só para os alunos, mas, para a escola e eu gosto muito da educação física adaptada).
- Evidência da educação política, cidadãos agindo (...) (A luta política e a democracia radical envolvem, sobretudo, justiça social, formação, que todos tenham acesso a todas as benesses, aos benefícios da sociedade; esse é o sonho que se compartilha com Paulo Freire).
- A maior preocupação, no momento, é do professor consigo mesmo e o seu conhecimento... (porque acredito que eu tenho que aprender muito para poder transmitir os conhecimentos para os meus alunos. Sou professora de Português e Inglês, trabalho com ensino fundamental e médio, estou nesta escola há pouco tempo, mas, gostei muito dela porque passei por várias escolas e sei que existe muita dificuldade por aí. Inclusive, estou numa escola onde a dificuldade é muito grande e aqui, me parece ser muito bem organizada, o nível dos alunos parece ser também muito bom).
- Necessidade de ambientes (de informática) na escola.
- Angústia do professor quanto ao impacto da globalização... (primeiro eu penso

assim, angústia porque você tenta, como professora, tenta acompanhar tudo o que sai na mídia escrita, na televisão e na internet e, muitas vezes, você não dá conta, eu acabo ficando angustiada, me angustio, se chegam para mim e perguntam: – você viu aquela notícia lá nos Estados Unidos, não sei o quê, me angustio... – Você viu que já inventaram outro modelo de computador não sei o quê, me angustio porque quero saber, mas acumulam coisas para eu ler, para saber de literatura, de portugueses, romanos, não sei o quê e você não dá conta. Então, isso gera uma angústia muito grande para a gente porque não damos conta de tanta informação, de tanta coisa. Aí, temos a globalização em sala de aula, os alunos, nós trabalhamos na periferia, de manhã trabalho em outra escola. Para mim, quando falam que tem globalização vem o círculo da Globo, Plim, Plim porque parece que, para esses alunos de periferia, globalização é via TV, principalmente a Rede Globo e hoje as novelas que estão aí... Tudo o que ele ouve ali, então, muitas vezes, nossos alunos, na sala, já fizemos experiência, sala de 40 alunos, levanta a mão: quem tem computador conectado na internet, (?), eles usam esses aparelhos, mas, eles vão lá para jogar. Por outro lado, teve aluno do noturno que disse: – Professora, por que vocês não pedem para a gente fazer trabalhos pela internet?).

- Os professores também não têm muita condição de acesso (tecnológico, livros).

Neste trabalho, foram realizadas análises em relação ao trabalho docente e a sua formação profissional. Como esse relacionamento está diretamente vinculado aos alunos, perce-

bemos a necessidade de argumentar um pouco mais acerca da juventude e suas características.

A concepção de juventude como *passagem*, parte do reconhecimento de que se trata de um período de transformações e, por isso, de buscas e definições de identidade, de valores e idéias, de modos de se comportar e agir. Disto, decorre a percepção desse período como sendo um momento de instabilidade – intensidade e ousadia, turbulência e descaminhos. A resposta mais evidente a essa sensação sugere que tal momento de transição deva ser centrado na preparação para a vida futura, sobretudo via formação escolar, de modo a garantir uma adequada inserção na vida social – sob a orientação dos adultos, é claro. Para ser bem realizada, essa preparação suporia uma suspensão ou retardamento da entrada em vários âmbitos e funções da vida social, como o trabalho, as obrigações e compromissos familiares, econômicos e civis. Assim, por essa ótica, durante muito tempo só foram considerados efetivamente “jovens” (como condição social, para além da definição meramente etária) aqueles que podiam viver tal suspensão, proteção e preparação – quase exclusivamente, portanto, os jovens das classes médias e altas, caracterizados, principalmente, por sua condição de estudante. Os jovens das classes populares, tendo de trabalhar e interrompendo os estudos muito cedo, ou a eles nem tendo acesso, ficaram excluídos dessa construção, como se vivessem a juventude em negativo.

Na pesquisa realizada pelos sociólogos Venturi e Abramo (2000), os dados confirmam que é preciso ver a condição juvenil como dada não só pela vida estudantil – válida para apenas pouco mais de metade dos jovens (58%) – mas simultaneamente pelo mundo do trabalho, com o qual a grande maioria (78%) já tem ou busca contato. Apontam ainda a dificulda-

de dos jovens – às vezes impossibilidade – de compatibilizarem as condições de estudante e trabalhador(a), agravada pelo problema do primeiro emprego. A relação do jovem com o trabalho envolve outros fatores, além da pura necessidade de sobrevivência, a busca da própria formação profissional e, quando compatível, a continuidade da formação escolar (dado que a maior chance de fazer cursos técnicos e escolas de 3º grau – inclusive os preparatórios para isso – são privados), como se permite a vivência da condição juvenil em outras esferas, extremamente valorizadas pelos jovens: a sociabilidade e a possibilidade de fruir atividades de lazer e cultura, inclusive realizando os consumos simbólicos, que costumam acompanhar tais atividades (roupas, aparelhos eletrônicos etc.). Ligado a isso, o trabalho tem o sentido de realizar o desejo de maior independência em relação aos pais, até no que diz respeito a critérios e prioridades de gastos. Portanto, para o jovem, o trabalho é necessidade, mas também condição para ele fruir lazer e ganhar autonomia.

Temos, portanto, duas frentes a considerar: de um lado, o trabalho do professor; de outro, o ingresso precoce do aluno no mercado, que nem recebe escolarização adequada nem se instrui pelo trabalho, como seria desejável, mas a ele se submete em condições de precariedade e, não raro, de violência.

## 6 Considerações finais

Esses resultados são parciais e iniciais, em vista de o Projeto estar em desenvolvimento e as pesquisas estão tomando forma. Mesmo assim, podemos afirmar que as categorias eleitas indicam que os professores se encontram em constante desafio para dar conta dos seus com-

promissos. Há uma sensação de falta de tempo para exercer a contento todas as responsabilidades que lhes são impostas no dia-a-dia. O espaço escolar não é mais suficiente para tantas atribuições, angústias e mal-estar docente. A desvalorização profissional e social é um outro fator determinante para o seu desalento e as políticas voltadas à Educação não têm satisfeito nem os profissionais da educação, nem a sociedade como um todo.

Ainda, cabe-nos assinalar que a análise inicial dos dados encontrados aponta para uma situação em que os professores sentem-se, quase sempre, impotentes diante dos desafios e anseiam por informações, cursos, eventos, que os auxiliem a compreender esse universo e nele intervir de maneira que possam desencadear um processo educativo compatível com as necessidades de humanização e também tecnológicas, que se fazem presentes em nosso tempo.

### **Globalization and Education: dialogs with teachers**

This research is part of the project “Globalization and education: educational reform, social justice and inclusion politics” and it was elaborated with the aim of evaluating the impact of globalization in education, having as one of the ways of investigation the epistemological circle, methodology inspired in the Paulo Freire’s circles of culture. It was decided for developing the research in a school of Londrina city that actuates in the elementary and high school. The thematic axis proposed for the first epistemological circle was “Implications of globalization in educational practices”; taking over as hypothesis the fact of the globalization has brought new questions for

the education. The initial analysis of data shows that teachers often feel impotent in the presence of the challenges and pine for information that can help them to understand this universe to interfere in it, unlinking a compatible educative process with the present necessities of humanization.

**Key words:** School management. Globalization and education. Pedagogical relationship. Process of inclusion and exclusion. Technologies.

## Notas

- 1 A respeito das nomenclaturas dos círculos mencionados e seus sentidos ver Romão et al., 2006.
- 2 Bianco Z. Garcia desligou-se do projeto em novembro de 2006, após ter participado dos Círculos Epistemológicos.
- 3 Projeto coordenado pela prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lucinea Aparecida de Rezende, cadastrado junto à PROPPG/UEL.
- 4 As categorias apresentadas pelos proponentes gerais da pesquisa então presentes nas falas dos professores.
- 5 Algumas categorias se interpenetram.

## Referências

- CORREIA, José Alberto; MATOS, Manuel. *Solidões e solidariedades nos quotidianos dos professores*. Porto: ASA Editores, 2001.
- CORREIA, José Alberto; MATOS, Manuel. A avaliação e reforço dos dispositivos de controlo remoto da profissão. In: *Solidões e solidariedades nos quotidianos dos professores*. Porto: ASA Editores, 2001. p. 117- 130.
- ECO, Umberto. *Conceito de texto*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1984.
- MARCONDES, Martha Ap. Santana. *(Re)vendo e (Con)vivendo com a indisciplina e a violência escolares*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. p. 546-551.
- \_\_\_\_\_. *Avaliação educacional em Portugal e no Brasil: políticas e práticas no ensino Ssecundário e médio – Contributo para uma análise sociológica comparada*. Tese (Doutorado em Educação) Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2004.
- MOREIRA, Antonio Flavio; MACEDO, Elizabeth Fernandes (Org.). *Currículo, práticas pedagógicas e identidades*. Porto: Porto Editora, 2002.
- ROMÃO, José Eustáquio et al.. Círculo epistemológico – círculo de cultura como metodologia de pesquisa. In: *Educação & Linguagem*. Ano 9, n. 13, jan.-jun. 2006, p. 173 a 195. São Bernardo do Campo, SP, UEMESP.
- THOMPSON, SIMONSON; HARGRAVE, 1992:2 In: MOREIRA, Antonio Flavio; MACEDO, Elizabeth Fernandes (Org.). *Currículo, práticas pedagógicas e identidades*. Porto: Porto Editora, 2002.
- VENTURI, Gustavo; ABRAMO, Helena. Juventude, política e cultura. In: *Teoria e Debate*, Revista da Fundação Perseu Abramo, n. 45, jul./ago./set., 2000.